

40º Encontro Anual da ANPOCS

SEMINÁRIO TEMÁTICO 02
A LITERATURA NA PERSPECTIVA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

**Movimento Regionalista e Geração Literária de 30:
Uma Análise Gramsciana**

Nivalter Aires dos Santos¹

CAXAMBU – MG
OUTUBRO/2016

1 Mestrando do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, Graduado em Ciências Econômicas (2013) pela mesma universidade. Endereço Eletrônico: aires.nivalter@gmail.com

1 Introdução

O discurso literário muitas vezes é afastado do discurso científico, mesmo nas ciências sociais é visto como algo distante, ausente. No materialismo histórico dialético, devido ao atraso na publicação de textos importantes de Marx e Engels até meados do século XX, como “A Ideologia Alemã”, por exemplo, muitos autores marxistas não compreenderam ou passaram ao largo do papel estratégico dos fenômenos artísticos culturais para compreensão da sociedade. Alguns deles desenvolveram pensamentos sobre o assunto por conta própria, como é o caso do italiano Antonio Gramsci, que propôs uma noção de superestrutura mais ampla em relação a formulada por Marx – deslocando a sociedade civil da estrutura para a superestrutura – incluindo fenômenos culturais e literários como fundamentais no âmbito da sociedade civil para criação de hegemonia.

A partir dos anos 1920, o Brasil passa por um intenso processo de transformação, os modernistas de 1922 fizeram o esforço para acompanhar as mudanças e contribuíram para dar às letras os contornos dos novos tempos, fazendo o esforço para se aproximar do popular, rejeitando os símbolos que serviam para a idealização e para a literatura acadêmica (LIMA, 2006).

A partir desse Movimento de 1922, surgiram dois outros, inevitavelmente concentrados no Nordeste brasileiro. O Movimento Regionalista em oposição, e a Geração de Trinta, ou Segunda Geração Modernista, dando continuidade e aprofundamento às ideias modernistas.

O movimento regionalista encabeçado por Gilberto Freyre se diferencia daquele de 1922, pois na medida que esse último se aproxima do popular buscando a reatualização do Brasil em relação aos movimentos culturais e artístico do exterior, se esforçando para resgatar, assim, as raízes nacionais; o primeiro buscava preservar e fortalecer as tradições do Nordeste, resgatando a cultura regional do espaço que já foi o centro econômico e cultura do país.

O movimento literário da Geração de 30 (ou segunda geração modernista) é marcado pelo entrelaçamento entre o discurso literário com o discurso sociopolítico, onde problemas do Nordeste brasileiro – principalmente a seca, o abandono, e a violência... – são representados nas páginas dos romances.

Todo o otimismo da primeira geração modernista logo foi substituído pela consciência da cruel realidade brasileira. O experimentalismo da primeira geração cedeu lugar á escrita mais tradicional, impregnada de expressões de caráter regional, o urbano cedeu lugar ao rural (LIMA, 2006).

Este trabalho objetiva analisar junto ao conjunto das obras que são referências do Movimento Regionalista e da Geração de 30, o papel desempenhado pelos intelectuais “tradicional” ou “orgânico”², no sentido gramsciano, e como as obras refletem o interesse de classe, na construção de um projeto hegemônico, ou contra-hegemônico, no sentido de chamar atenção do conjunto da nação para o Nordeste.

Em termos metodológicos fizemos a leitura crítica da produção regionalista de Gilberto Freyre – “Manifesto Regionalista” supostamente de 1926 e “Nordeste” de 1937. E como obras representantes da Geração de 30 escolhemos: “A Bagaceira” do paraibano José Américo de Almeida publicado em 1928, “O Quinze” da cearense Rachel de Queiroz (1930), “S. Bernardo” e “Vidas Secas” do alagoano “Graciliano Ramos” (1934 e 1938), “Banguê” do paraibano José Lins do Rego (1934), e “Capitães da Areia” do baiano Jorge Amado (1937).

Para análise dos movimentos, e conseqüentemente das obras, vamos nos utilizar do aparato teórico e conceitual do marxista italiano Antônio Gramsci, especialmente os elementos de sua análise do Papel dos Intelectuais e sua relação com a Hegemonia na conformação do Bloco Histórico.

Além dessa introdução o trabalho conta com uma segunda parte dedicada a apresentação do Movimento Regionalista; a terceira, por sua vez, dedicada à Segunda Geração Modernistas, fazendo o esforço de apresentar elementos de cada obra analisada; uma quarta para fazer a análise, a partir do referencial gramsciano dos dois movimentos, que muitas vezes é confundido como apenas um, não deixando de adentrar em algumas polêmicas; e por fim as considerações finais do trabalho.

2 O Movimento Regionalista

A melhor representação do Movimento Regionalista é Gilberto Freyre, seu idealizador. As ideias do movimentos estão sintetizadas no Manifesto Regionalista redigido por ele e supostamente apresentado no Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo que aconteceu na cidade do Recife – PE, durante o mês de fevereiro de

2 Os conceitos de Intelectuais do tipo Orgânico e Intelectual, em Gramsci, estão melhor explicados seção 4 desse artigo.

1926.

Em relação a data de publicação do Manifesto há uma certa polêmica, seu conteúdo poderia facilmente ter sido produzido na década de 1920, mas há quem diga que o Manifesto simplesmente inexistiu, e só foi produzido na década de 1950. Ao menos isso é o que foi apresentado por Wilson Martins e Joaquim Inojosa, rivais de Freyre, na década de 1960, quando em pesquisa documental não encontraram alusão a tal texto em nenhum dos jornais da época em que o Congresso aconteceu (DANTAS, 2015).

O movimento regionalista é um contramovimento, que incorporou de forma moderada alguns elementos do modernismo por um lado, e se apegou as tradições regionais, por outro. Nesse sentido tentava articular diversas manifestações populares, procurando aprofundar manifestações culturais de raízes africanas e indígenas do Nordeste sem desprezar as fortes influências ibéricas (ANDRADE, 2013).

Ruben Oliven apresenta que o Manifesto “*desenvolve basicamente dois temas interligados: a defesa da região enquanto unidade de organização nacional e a conservação dos valores regionais e tradicionais do Brasil, em geral, e do Nordeste, em Particular*” (OLIVEN, 1992, p. 33).

Gilberto Freyre, como intelectual tradicional³ da Casa Grande, em um contexto de mudanças econômico-político-sociais faz um esforço de apresentar um “outro Nordeste” marcado pela abundância da água, das terras férteis de massapê, da cana-de-açúcar, dos Grandes Senhores de Engenho montados em seus belos Cavalos (FREYRE, 2013). E não aquele do atraso econômico e político, com claras indicações das mudanças que se avizinham, como o da Geração de 30; nem aquele marcado pelo completo atraso e precariedade presentes em Sertões de Euclides da Cunha e outros pensadores do início do século.

Em relação ao conteúdo do Manifesto, assim como o movimento, se apresenta “apolítico” e não separatista, na medida que destaca enfaticamente a necessidade do fortalecimento político e cultural das regiões, especialmente do Nordeste, diferentemente

3 Cauby Dantas em seu livro “Gilberto Freyre e José Lins do Rego: diálogos do senhor da casa-grande com o menino de engenho”, apresenta Gilberto Freyre como um Intelectual “Orgânico” da Casa Grande, e faz todo um esforço para comprovar essa tese. Ao que parece ele não tem aprofundamento o bastante em Gramsci para fazer tal afirmação, de modo que todos os elementos ele evoca para comprovar essa tese, só contribui para comprovar justamente o contrário, Gilberto Freyre como um intelectual Tradicional, ligado a classe da estrutura econômica anterior, isso sim. Deixando de lado esse erro analítico, sua pesquisa fornece importantes elementos para compreender o movimento regionalista, e também a relação de parceria intelectual e amizade entre Gilberto Freyre e José Lins do Rego.

do movimento regionalista do século XIX, que tinha claros traços separatistas.

No Manifesto, todo o saudosismo de Freyre se apresenta, seja na forma de falar sobre os antigos doces, a riqueza das tradições, a forma ecológica dos mucambos, dos cavalos de corrida; como também na crítica a modernidade das reformas urbanas (contra as ruas estreitas do Recife), às novas gerações de moças que já não sabem mais fazer os antigos doces (FREYRE, 1996). Aparecem também de maneira muito vivida no manifesto a exaltação a artistas do povo, mestres da música e dança, jangadeiros, negras de tabuleiros, curandeiros, escritores, intelectuais, e a miscigenação da cultura (DANTAS, 2015).

A obra de Gilberto Freyre, como apresenta Couby Dantas, tem um desencontro entre forma e conteúdo. Na medida que apresenta uma forma moderna, inovadora, plástica, tem seu conteúdo conservador de uma sociabilidade em crise do mundo dos engenhos do Nordeste (DANTAS, 2015).

O livro “Nordeste” de Freyre abre espaço para que se reconheça a existência dos outros “vários Nordeste”, onde ele especificamente apresenta o úmido e fértil Nordeste açucareiro, como bem destaca Manoel Correia de Andrade ao apresentar o livro.

Gilberto Freyre se propões a esboçar a fisionomia do Nordeste agrário do açúcar, que estava em decadência, quando ele escreveu, mas que foi o centro da civilização brasileira. Esse Nordeste tinha como características a monocultura, a escravidão, o latifúndio, como marcas características da paisagem (FREYRE, 2013).

A Freyre interessa as férteis terras de massapê que representou para o Brasil o estabelecimento da civilização moderna mais sedentária que o português fundou nos trópicos: a do açúcar no Nordeste do Brasil (FREYRE, 2013).

A leitura que se pode fazer dessas ideias é que se trata de um perspectiva elaborado por um intelectual tradicional ligado a aristocracia açucareira, que em sua escrita e análise deixa claro seus temores sobre as transformações na ordem social, e assim busca, na defesa da região, o espaço político para as oligarquias nordestinas que perdem cada vez mais espaço.

3 A segunda Geração Modernista ou Geração de 30

As obras da Geração de 30 constituem-se como clássicos da literatura brasileira e além da forma profundamente vanguardista, lançam ao país as discussões a partir do lugar e classe que se fala. São intelectuais ligadas desde as classes subalternas pelo

Partido Comunista do Brasil como Jorge Amado, Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz⁴, um político liberal paraibano, como José Américo de Almeida, ou ainda alguém associado a saudosista e decadente classe aristocrática dos barões do açúcar, como José Lins do Rego⁵.

Em um artigo “O romance do Nordeste” publicado no Diário de Pernambuco, em março de 1935, Graciliano Ramos escreveu que:

era indispensável que os nossos romances não fossem escritos no Rio, por pessoas bem-intencionadas, sem dúvida, mas que nos desconheciam inteiramente. Hoje desapareceram os processos de pura criação literária. Em todos os livros do Nordeste, nota-se que os autores tiveram o cuidado de tornar a narrativa, não absolutamente verdadeira, mas verossímil. Ninguém se afasta do ambiente, ninguém confia demasiado na imaginação. [...] Esses escritores são políticos, são revolucionários, mas não deram a ideias nomes de pessoas: os seus personagens mexem-se, pensam como nós, sentem como nós, preparam as suas safras de açúcar, bebem cachaça, matam gente e vão para a cadeia, passam fome nos quartos sujos duma hospedaria (RAMOS, 1945).

Esse é o espírito dos romances da Geração de 30, eles penetraram profundamente nas contradições de classe da realidade brasileira, especialmente do Nordeste. Isso não significa que eles tenham se reduzido a uma abordagem regionalista dos problemas tipicamente nordestinos sem qualidade estética, mas sim que através do esforço de recuperação da cultura e realidade nordestina buscavam mostrar o “verdadeiro” Brasil.

Em relação a segunda geração modernista, Carlos Nelson Coutinho, aponta que é “o movimento literário mais profundamente realista da história da nossa literatura” (COUTINHO, 2011, p. 144). Esses romances expressam a crise social pelo qual o Brasil estava passando. A seguir vamos conhecer mais dessas obras, apresentando elementos das histórias, trazendo muitas citações afim evitar a perda dos sutis aspectos estéticos.

3.1 A Bagaceira de José Américo de Almeida

A Bagaceira⁶, do paraibano José Américo de Almeida, é o livro inaugural desse movimento literário, e através dessa obra que imprimiu um estilo, entramos em contato com a dura realidade das secas e das retiradas, como também das diferenças culturais entre diferentes espaços dentro do próprio Nordeste. No caso do livro entre o Sertão e o

4 Ela também esteve ligada a uma perspectiva trotskista em algum momento, fazendo a crítica ao Socialismo Realista do Partido Comunista

5 Foi grande amigo e colaborador de Gilberto Freyre, influenciou e sofreu forte influência do mesmo.

6 Sobre a obra “A Bagaceira” uma resenha de título “A Bagaceira de José Américo, marco impulsionador da Geração de 30” foi publicado no Jornal Eletrônico Esquerda Diário: <<<http://www.esquerdadiario.com.br/A-Bagaceira-de-Jose-Americo-marco-impulsionador-da-Geracao-de-30>>> em 5 de setembro de 2016.

Brejo paraibanos, com o primeiro sendo marcado pela seca e evasão, enquanto que o outro por se tratar de área úmida se torna caminho de passagem dos retirantes.

Essa obra é um marco no modernismo brasileiro, e tão logo foi publicada fez sucesso, e em seguida precisou vir acompanhada de um glossário para facilitar a compreensão dos muitos termos regionais empregados. Além da apropriação do elemento popular na literatura brasileira, trouxe a luz, a vida e sacrifícios das classes subalternas, despossuídas do Nordeste brasileiro. Esse romance contribuiu para a apresentação de um Nordeste muito pouco conhecido pelos brasileiros na época, um Nordeste que estava em vias de transformação, que a “modernização” começava a dar sinais de aparecimento, Nordeste do abuso por parte dos Senhores de Engenho, dos abusos políticos. Um Nordeste que para além da seca, é também de luta pela vida.

A história contada n’A Bagaceira se passa durante o êxodo da seca de 1898, os períodos de seca eram

Uma ressurreição do cemitério antigo [...] Os fantasmas estropiados como que iam dançando, de tão trôpegos e trêmulos, num passo arrastado de quem leva as pernas em vez de ser levado por elas [...] Não tinham sexo, nem idade, nem condição nenhuma. Eram os retirantes. Nada mais (ALMEIDA, 1972, p. 5).

Além das relações de amor e de ódio que se desenvolvem, e as lutas por honra. Fica muito claro que a relação entre os entre os trabalhadores da bagaceira e os sertanejos não eram fáceis, eles vinham de lógicas de trabalhos diferentes, os

Párias da bagaceira, vítimas de uma emperrada organização do trabalho e de uma dependência que os desumanizava, eram os mais insensíveis ao martírio das retiradas [...] Os sertanejos eram mal-vistos nos brejos. E o nome brejeiro cruelmente pejorativo [entre os sertanejos] [...] Essa divergência criava grupos sociais que acarretavam os conflitos de sentimentos. (ALMEIDA, 1972, p. 6).

As diferenças entre os dois grupos se expressava também por conta de questões étnicas, os sertanejos (brancos) não se misturam com os brejeiros (negros e mulatos), além disso o aspecto da “moral sertaneja” tem muita força no comportamento geral desse grupo.

O regime de trabalho a qual todos estavam submetidos no corte da cana não era nada fácil, Valentim – um dos retirantes – observou “*que todos [da Bagaceira] trabalhavam descalços [...] Já não tinham plantas dos pés, porém, cascos endurecidos*” (ALMEIDA, 1972, p. 20). Sempre trabalhando, eram resignados que o trabalho de “*cada dia não era para ganhar a vida: era, apenas, para não perdê-la*” (ALMEIDA, 1972, p. 19). Há uma passagem profundamente marcante durante a leitura, quando Lúcio – o filho

do dono do Engenho – pergunta a um trabalhador – João Troçulho – qual era o seu maior desejo na vida, a resposta é: “— *Comer até matar a vontade*” (ALMEIDA, 1972, p. 72), simplesmente isso, saciar completamente sua fome.

Há um momento do livro onde está acontecendo uma forma de celebração entre os trabalhadores, muito coco, ciranda, cachaça. No entanto devido a desavença entre Dagoberto – dono do Engenho Marzagão, onde a história se passa – e o chefe local, “*os oposicionistas tinham seus domínios expostos às represálias policiais [...] – Mete o facão nessa cambada! – ordenou a autoridade*” (ALMEIDA, 1972, p. 45) e assim se fez uma confusão generalizada. “*Era o governo. O governo era essa afirmação de arbitrariedade*” (ALMEIDA, 1972, p. 45), “*Para eles o governo era, apenas, essa noção de violência: o espaldeiramento, a prisão ilegal, o despique partidário... Não o conheciam por nenhuma manifestação tutelar*” (ALMEIDA, 1972, p. 46).

Além da dimensão do atraso presente na maioria do livro, depois de toda a tragédia romântica que acontece, com direito a triângulo amoroso e assassinatos em nome da honra. A dimensão da modernização é evocada, quando Lúcio, depois da morte do pai assume o Engenho.

De maneira diferenciada em relação ao que se vê em outras obras e outros intelectuais, inclusive da Geração de 30, a modernização é apresentada como positiva em José Américo. Diante da nova realidade os trabalhadores

Já não pareciam condenados a trabalhos forçados: assimilavam o interesse da produção. E o senhor de engenho premiava-lhes as iniciativas adquirindo-lhes os produtos a bom preço [...] As leis de higiene duplicavam o esforço persistente. Essa faina não representava, apenas, a satisfação das necessidades imediatas: era uma medida de previdência (ALMEIDA, 1972).

Há uma clara apologia em favor do novo, em detrimento do antigo. Esse novo na verdade constitui a inserção das relações capitalistas de trabalho no campo.

3.2 O Quinze de Rachel de Queiroz

Quando se fala em Seca, muitas vezes vem a cabeça essa obra de Rachel de Queiroz, o Quinze⁷ de 1930, que apresenta com maestria os detalhes de uma retirada e as dificuldades enfrentadas por uma família nessa dura jornada.

A história se passa durante a grande seca de 1915, onde a Dona Maroca das Aroeiras, dona das terras, no caso de não chover até dia de São José, 19 de março, estaria

7 Sobre a obra “O Quinze” uma resenha de título “O Quinze de Rachel de Queiroz, Retrato de uma Grande Seca” foi publicado no Jornal Eletrônico Esquerda Diário: <<www.esquerdadiario.com.br/O-Quinze-de-Rachel-de-Queiroz-Retrato-de-uma-Grande-Seca>> em 18 de setembro de 2016.

dispensando os serviços do seu vaqueiro. Isso significaria para o Chico Bento e sua família, um duro caminho a enfrentar.

E assim começou a jornada de Chico Bento e sua família, que foi obrigado a deixar tudo “*morrendo de fome e de seca!*”⁸. Ele, a mulher Cordulina, a cunhada, Mocinha, cinco filhos e uma burra.

Em sua jornada na estrada, dias depois de serem obrigados a abandonar às terras a qual dedicaram suas vidas, trabalhando e cuidando como se fossem suas, encontraram-se com outro grupo de retirantes dispostos a comer carne de bicho morto de doença encontrado na estrada, Chico Bento em toda sua solidariedade indagou

“–E vosmecês tem coragem de comer isso? Me ripuna só de olhar... [...] Chico Bento alargou os braços, num gesto de fraternidade: –Por isso não! Aí nas cargas eu tenho um resto de criação salgada que dá para nós. Rebolem essa porqueira pros urubus, que já é deles! Eu vou lá deixar um cristão comer bicho podre do mal, tendo um bocado no meu surrão! [...] Realmente a vaca já fedia [...] E o bode sumiu-se todo... Cordulina assustou-se: – Chico, que é que se come amanhã? A generosidade matuta que vem na massa do sangue, e florescia no altruísmo singelo do vaqueiro, não se perturbou: – Sei lá! Deus ajuda! Eu é que não hamera de deixar esses desgraçados roerem osso podre...” (QUEIROZ, 2012).

A solidariedade teve seu custo, logo “*Chegou a desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica, surgindo no fundo sujo dos sacos vazios, na descarada nudez das latas raspadas*”. A retirada não é fácil, é muita estrada, é muita fome, ainda mais se tratado de crianças. Josias, filho do casal não sobrevive a jornada, em sua fome comeu uma raiz, mandioca crua, que crua é mesmo que veneno, logo adoeceu e não teve reza que desse jeito. “*Lá tinha ficado Josias, na cova à beira da estrada, com uma cruz de dois paus amarrados, feita pelo pai [...] Ficou em paz, Não tinha mais que chorar de fome, estrada afora. Não tinha mais alguns anos de miséria à frente da vida, para cair depois no mesmo buraco*”.

Mais adiante na estrada, depois de dias de fome, encontrou uma cabra presa em uma cerca, que “*de súbito em três pancadas secas, rápidas, o seu cassetete de jucá zuniu; a cabra entonteceu, amunhecou, e caiu em cheio por terra*”. Quando já abria bicho, a vergonha veio na forma de “*Um homem de mescla azul vinha para eles em grandes passadas. Agitava os braços em fúria, aos berros: –Cachorro! Ladrão! Matar minha cabrinha! Desgraçado!*”, Chico Bento implorou em nome de alimentar sua

8 As citações de “O Quinze” foram retiradas de uma versão eletrônica, com formato Epub, de paginação irregular, por não possuírem número de página, tomamos a liberdade de dispensar as referências a cada citação. QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

família, e tudo que ganhou foi as tripas da criação, “*num foguinho de garrancho, arranjado por Cordulina com um dos últimos fósforos que trazia no cós da saia, assaram e comeram as tripas insossas, sujas apenas escorridas nas mãos*”.

Outro filho do casal seguiu seu rumo separado do grupo, acabou se perdendo. Chico Bento na busca pelo filho foi ter com o delegado da cidade onde o filho deveria esperá-los, por um golpe de sorte este era um antigo conhecido e compadre dele, proporcionou que pudessem seguir a viagem de trem até Fortaleza.

Em Fortaleza eles se alojaram no Campo de Concentração, isso mesmo havia um campo onde os refugiados da seca eram alocados de maneira precária e recebiam ração para não morrerem de fome. Conceição, uma personagem central no livro, que devido ao recorte que fizemos para esta análise focada na retirada da família acabou ficando de fora até então, os achou em péssimas condições. “*Foi realmente com dificuldade que os identificou, apesar de seus olhos já se terem habituado a reconhecer as criaturas através da máscara costumeira com que as disfarçava a miséria*”.

Tendo encontrado velhos conhecidos, a própria Conceição e sua vó, Chico Bento

“Tristemente contou toda a fome sofrida e as consequentes misérias [...] a morte do Josias, naquela velha casa de farinha, deitado junto de uma trave de aviamento, com a barriga tão inchada como a de alguns paroaras quando já estão para morrer [...] E aquele caso da cabra, em que — Deus me perdoe! — pela primeira vez tinha botado a mão em cima do alheio... E se saíra tão mal, e o homem o tinha posto até de sem-vergonha, e ele tão morto, tão sem coragem, que o que fez foi ficar agachado, aguentando a desgraça [...] Depois era a fuga do Pedro, e aquela noite na estrada em que a mulher, estirada no chão, com o Duquinha de banda, todo o tempo arquejou, variando, sem sentidos, como quem está para morrer.” (QUEIROZ, 2012).

Tendo chagado a Fortaleza sua vida não melhorou, continuavam a passar necessidades, continuavam marcados pela seca. A muito custo Chico Bento conseguiu um duro trabalho numa barragem que estava sendo construída. A vida no Campo de Concentração tinha que ser provisório, Chico Bento, com grande ajuda de Conceição, conseguiu passagens para São Paulo, onde “*Trabalho por toda parte, clima sadio... Podem até enriquecer...*”.

E assim foi o destino de uma família, que vítima não só da seca, mas também da estrutura fundiária excludente, sofreu ao longo da dura retirada, sofreu também pela falta de acolhimento e estrutura na cidade. Essa obra, além de obra inaugural é provavelmente a mais popular de Rachel de Queiroz, é marcante e juntamente com outras apresentou ao Brasil, com profundo realismo, essa situação não tão conhecida, a época, um Nordeste

diferente daquele dos Barões do açúcar, um Nordeste onde a chuva determina a sobrevivência dos rebanhos de bichos e homens. Sobrevida, porque Vida mesmo o modo de produção não permitia.

3.3 S. Bernardo de Graciliano Ramos

S. Bernardo⁹ (1934) é o segundo romance de Graciliano Ramos, a história do livro gira em torno da vida de Paulo Honório, na verdade o livro trata-se de uma “autobiografia” feita pelo dono de S. Bernardo, feita com toda sua limitação na linguagem e forma de escrita, escrevendo muito mais como se fala.

Paulo Honório se apresenta como um sujeito que pesa oitenta e nove quilos, perto dos cinquenta anos de idade, de origem pobre, que nem chegou a conhecer os pais, foi criado pela velha doceira negra – Margarida – na fazenda de S. Bernardo. Até os dezoito anos, trabalhou como guia de cego e depois de “braço alugado”, profissão profundamente degradante naquele contexto econômico social, gastando “*muita enxada ganhando cinco tostões por doze horas de serviço*”¹⁰.

Seu primeiro ato digno de nota, segundo ele próprio, foi quando no calor de sua juventude, ao se amigar com uma moça Germana, que depois se interessou por outro, o resultado foi ele ter esfaqueado o João de Fagundes. Resultado, foi preso, levou surra de cipó de boi, e passou “*três anos, nove meses e quinze dias na cadeia*”. Como única vantagem disso, durante a prisão, aprendeu a ler, numa bíblia miúda.

Quando saiu tinha um objetivo de vida, pensava em ganhar dinheiro. Tirou o título de eleitor, e procurou empréstimo com seu Pereira, agiota e chefe político, que lhe emprestou cem mil-réis com juros de cinco por cento ao mês. Pagou os cem mil-réis e conseguiu outro de duzentos com juros melhores dessa vez, três e meio por cento. Trabalhou duro “*sem descanso, viajando pelo sertão, negociando com redes, gado, imagens, rosários, miudezas, ganhando aqui, perdendo ali, marchando no fiado, assinando letras, realizando operações embrulhadíssimas*”, passando sede e fome, brigando com gente que fala aos berros e fazendo transações comerciais com armas engatilhadas.

9 Sobre a obra “S. Bernardo” uma resenha de título “S. Bernardo de Graciliano Ramos” foi publicado no Jornal Eletrônico Esquerda Diário: <<<http://www.esquerdadiario.com.br/S-Bernardo-de-Graciliano-Ramos>>> em 25 de setembro de 2016.

10 As citações de “S. Bernardo” foram retiradas de uma versão eletrônica, com formato Epub, de paginação irregular, por não possuírem número de página, tomamos a liberdade de dispensar as referências a cada citação. RAMOS, Graciliano. **S. Bernardo** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Record, 2009.

Depois de razoavelmente estabilizado financeiramente, resolveu estabelecer-se no seu lugar de origem no município de Viçosa, Alagoas, onde planejava adquirir a propriedade S. Bernardo. Através de uma trama bem elaborada, fez com que Luís Padilha, atual dono da propriedade, ficasse lhe devendo dinheiro. Terminado o prazo de vencimento do empréstimo, era hora de Paulo Honório ir buscar o que realmente almejava – S. Bernardo. Padilha não tinha o dinheiro para liquidar o empréstimo, como Paulo bem sabia. Chegado o momento da negociação Padilha pediu oitenta contos pela propriedade, Paulo ofereceu trinta, depois de um puxa de cá, puxa de lá, acabou ficando acertado os preços de quarenta e dois contos a propriedade e oito uma casa que Paulo tinha na cidade. Depois de toda a barganha, tirando a dívida, os juros e o preço da casa, Paulo entregou a Padilha sete contos quinhentos e cinquenta mil-réis, sem remorso, afinal foi uma pechincha.

Ter conseguido S. Bernardo era só um primeiro passo, seria preciso mantê-la e fazê-la prosperar, e isso tinha custos, inimizade de vizinhos, exploração extrema dos trabalhadores. No segundo ano como proprietário, Paulo passava dificuldades, tinha plantado mamona e algodão, mas a safra tinha sido ruim, os preços baixos, viveu meses de aperto. Além disso andava aflito com medo dos inimigos, especialmente seu vizinho Mendonça, com quem tinha uma questão por terra. Acabou que no domingo, dia da eleição *“Mendonça recebeu um tiro na costela mindinha e bateu as botas ali mesmo na estrada”*, na hora do crime Paulo *“estava na cidade, conversando com o vigário a respeito da igreja que pretendia levantar em S. Bernardo”*. Não é muito difícil presumir o que aconteceu...

Passando cinco anos do assassinato de Mendonça S. Bernardo deu prejuízo, deu lucro, foi se mantendo. Depois da morte do vizinho, Paulo derrubou a cerca e levou-a além de onde deveria, houve reclamações, mas sem jeito de mudança. S. Bernardo passou por melhoramentos significativos – casas, igreja, açude, o enorme algodoal – até uma estrada de rodagem ligando a fazenda à cidade.

Certo dia na volta da labuta encontra no alpendre de sua casa João Nogueira, Padilha e Azevedo Gondim elogiando umas pernas e uns peitos, de uma moça recém chegada a cidade – Madalena – uma professora. Paulo Honório estava com vontade de abrir uma escola, João Nogueira sugeriu Madalena para vaga de professora.

Quem acabou ficando com a posição de professor foi Padilha, ex dono da Fazenda, que depois que a havia perdido *“manifestava ideias sanguinárias e pregava,*

cochichando, o extermínio dos burgueses”, Padre Silvestre também tinha ideias revolucionárias, pretendia “*salvar o país por processos violentos*”.

O fato de o livro ser todo construído a partir do ponto de vista de Paulo Honório, é interessante, para entender um pouco o funcionamento e a lógica de produção da fazenda, por exemplo, quando ele diz que sempre se perde os dias santos, sábados, domingos de trabalho, e em resultado de tanta folga que “*essa cambada viver com a barriga tinindo*”.

Numa tarde qualquer Paulo encontrou no

oítão da capela Luís Padilha discursando para Marciano e Casimiro Lopes: — Um roubo. É o que tem sido demonstrado categoricamente pelos filósofos e vem nos livros. Vejam: mais de uma légua de terra, casas, mata, açude, gado, tudo de um homem. Não está certo. [...] Marciano [vaqueiro da fazenda] mulato esbodegado, regalou-se, entronchando-se todo e mostrando as gengivas banguelas: — O senhor tem razão, seu Padilha. Eu não entendo, sou bruto, mas perco o sono assuntando nisso. A gente se mata por causa dos outros (RAMOS, 2009).

Diante disso Paulo Honório estoura em grito, dizendo que eles não trabalhavam, que era um desaforo, que estavam expulsos da fazenda e um monte mais de coisas. Acabou que nenhum dos dois foi realmente mandado embora, nesta noite reuniu Marciano e Padilha e berrou um comprido sermão para demonstrar que era ele, o patrão, que trabalhava para eles, os trabalhadores.

Nesse ponto da história Paulo sentia o desejo de “*preparar um herdeiro para as terras de S. Bernardo*”, tentava “*fantasiar uma criatura alta, sadia, com trinta anos, cabelos pretos*”, tentou pensar também nas mulheres das redondezas se alguma lhe parecia apropriada. Acabou se interessando por Madalena, uma professora que recém havia se mudado para a cidade. Casaram-se na capela de S. Bernardo, era fim de janeiro, os paus-d’arco, floridos, salpicavam a mata de pontos amarelos. Dois dias depois do casamento Madalena já largava-se pelo campo, conversando com todos, atenta aos problemas das pessoas da fazenda, preocupada com as privações da família de Mestre Caetano, que estava velho e doente, impossibilitado de trabalhar.

Em nenhum momento o casamento entre Paulo e Madalena, foi tranquilo, desde o começo brigavam, a primeira briga digna de nota, foi quando ela perguntou quanto ganhava Seu Ribeiro – o guarda-livros de S. Bernardo – achando pouco duzentos mil-réis por mês para a função dele, o que zangou profundamente Paulo. Uma semana de casados e já tinham brigado, devido as diferenças de visão no modo de funcionamento do mundo.

Eles não se entendiam, eles não se conheciam, um casal assim não poderia dar certo. O bom coração dela era incompatível com a forma que ele tocava a fazenda. O

modo como ele tratava Marciano, por exemplo, a desgostava profundamente. A Paulo desgostava a compaixão que ela tinha por aquele povo. Com o passar do casamento a coisa começou a desandar de maneira mais aguda, uma espécie de desconfiança tomou conta de Paulo, um ciume que crescia e crescia dentro dele. Além do ciume carnal, sentia ciumes das afinidades intelectuais que ela mantinha com os homens mais instruídos ao redor, especialmente Padilha. A relação precária entre desconhecidos foi-se desfazendo, e se tornando cada vez mais difícil.

A história teve um desfecho ela foi encontrada “*estirada na cama, branca, de olhos vidrados, espuma nos cantos da boca*”, deixando uma carta destinada a Paulo, onde os detalhes não ficam detalhadamente claros no livro.

Dois anos após a morte de Madalena, Paulo começou a empreitada de escrever esta obra, afim de expurgar de alguma forma suas amarguras. Em sua reflexão conclui que “*nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins*”. Essa é a autobiografia de Paulo Honório, a autobiografia de um grande fazendeiro, que começou de baixo, e fez muita coisa para chegar onde chegou, uma vez tendo chegado reproduziu com toda a brutalidade o modo de produção, as custas do suor dos seus empregados.

S. Bernardo de Graciliano Ramos apresante através da visão de Paulo Honório, aquele mundo sertanejo da grande propriedade, de grande exploração dos trabalhadores, de grande brutalidade e egoísmo, também de grande vazão e solidão.

3.4 Banguê de José Lins do Rego

José Lins do Rego produziu um volume de obras, que ficaram conhecidas no seu conjunto como ciclo da cana-de-açúcar, Banguê (1934) é emblemático, no conjunto da sua obra, mostrando o descenso dessa cultura, nos moldes tradicionais.

Banguê dá continuidade a história de Menino de Engenho (1932) contando a história onde o Engenho de Santa Rosa, que já não é mais tão grande como aparentava nos tempos de menino “*Santa Rosa era cada vez mais triste*” (REGO, 1980, p. 18), e mesmo o José Paulino não é mais o mesmo, velho “*A idade secava aquele rio de águas abundantes*” (REGO, 1980, p. 19).

Carlos Melo, a seu jeito foi condenado a assistir o definhamento simultâneo de seu avô e também de Santa Rosa. Aquele avô que em “Menino do Engenho” era uma

figura patriarcal imponente, cuja voz e postura de Senhor de Engenho representam aquelas estruturas de dominação.

Quando morreu o velho José Paulino, depois das comuns disputas por herança, coube aos cuidados de Carlos Melo o Engenho de Santa Rosa, que sofreu em suas mãos inexperientes.

Ia se chegando ao fim o tempo dos Senhores de Engenho, Carlos atolado em dívidas e com o Engenho sendo saqueado pelos antigos moradores, teve como única solução vender Santa Rosa. O comprador foi seu Tio Juca, mas não sem uma disputa com uma Usina, o que foi um certo consolo, pois o engenho continuava nas mãos da família.

3.5 Os Capitães da Areia de Jorge Amado

O livro Capitães da Areia¹¹ de Jorge Amado publicado pela primeira vez em 1937, destoa em relação as demais obras da Geração de 30, trata-se de uma história eminentemente urbana, focada na relação dos meninos/homens capitães da areia com a cidade, com o crime, com a “liberdade”, com a vida.

Sob a Lua num Velho Trapiche Abandonado as crianças dormem, é interessante notar que comece assim essa parte do livro, para que não nos esqueçamos que se tratam de crianças, meninos do Cais da Bahia, que “*vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas*”¹².

Ao longo dos acontecimentos somos apresentados aos protagonistas dessa história bravo Líder dos Capitães da Areia, Pedro Bala, o bom João Grande, o sábio Professor que na verdade se chama João José, ao malvado e coxo Sem Perna, o elegante Gato, o malandro Boa Vida, o religioso Pirulito, o aspirante a cangaceiro Volta Seca, e ainda a Mãe/Irmã do grupo Dora.

Há também personagens, que poderíamos chamar de apoio, visto que são adultos utilizados como pontas para certas tramas no livro. Se destacam o Querido-de-Deus era

11 Sobre a obra “Capitães da Areia” uma resenha de título “Os “Capitães de Areia” Meninos/Homens de Jorge Amado” foi publicado no Jornal Eletrônico Esquerda Diário: <<<http://www.esquerdadiario.com.br/Os-Capitães-de-Areia-Meninos-Homens-de-Jorge-Amado>>> em 24 de agosto de 2016.

12 As citações de “Capitães da Areia” foram retiradas de uma versão eletrônica, com formato Epub, de paginação irregular, por não possuírem número de página, tomamos a liberdade de dispensar as referências a cada citação. AMADO, Jorge. **Capitães da Areia** [recurso eletrônico]. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

um capoeira e pescador, amigo do grupo, por vezes desenrolava algum “trabalho” para eles. A Don'Aninha, a mãe de Santo do terreiro da Cruz, amiga de todos os negros e todos os pobres da Bahia. O João de Adão era “*um estivador negro e fortíssimo, antigo grevista, temido e amado em toda a estiva*”. Raimundo, Loiro, Pai de Pedro Bala, morreu em uma greve no passado, servindo em vários momentos de digressão sobre a greve como festa do povo. E o Padre José Pedro que através de certo esforço conseguiu se fazer amigo e ganhar a confiança dos Capitães da Areia.

Muitas tramas e histórias profundamente interessantes ao longo do livro, destacamos duas que exemplificam de maneira profunda a vida desses meninos/homens. Uma delas destacando a dimensão de menino presente em cada um deles, em outra a dimensão homem, por assim dizer.

Sobre o grande Carrossel “— *É uma beleza - disse Pedro Bala olhando o velho carrossel armado. E João Grande abria os olhos para ver melhor. Penduradas estavam as lâmpadas azuis, verdes, amarelas, roxas, vermelhas*”, “*É velho e desbotado o carrossel de Nhozinho França. Mas tem a sua beleza. Talvez esteja nas lâmpadas, ou na música da pianola (velhas valsas de perdido tempo), ou talvez nos ginetes de pau*”. “*Tem a sua beleza, sim, porque a opinião unânime dos Capitães da Areia é que ele é maravilhoso. Que importa que seja velho, roto e de cores apagadas se agrada às crianças?*”. Foi uma alegria para os meninos quando souberam que Sem-Perna e Volta Seca trabalhariam nele, combinaram que um dia, depois de fechar, todos do grupo poderiam brincar no carrossel “*Pela madrugada os Capitães da Areia vieram. O Sem-Pernas botou o motor para trabalhar. E eles esqueceram que não eram iguais às demais crianças, esqueceram que não tinham, nem pai, nem mãe, que viviam de furto como homens, que temidos na cidade como ladrões*”. “*Esqueceram tudo e foram iguais a todas as crianças, cavalgando os ginetes do carrossel, girando com as luzes. As estrelas brilhavam, brilhava a lua cheia. Mas, mais que tudo, brilhavam noite da Bahia as luzes azuis, verdes, amarelas, roxas, vermelhas Grande Carrossel Japonês.*”

Na contramão da história sobre o Carrossel há um momento do livro dedicado perturbadoramente ao que parece bem natural para aqueles meninos a “derrubada de uma negrinha no areal”, onde Pedro Bala protagoniza uma angustiante perseguição e posterior estupro de uma jovem menina. É um dos poucos momentos onde a imagem de Bala como grande herói salvador se desfaz, inclusive em sua agonia posterior, “*tinha vontade de se jogar no mar para se lavar de toda aquela inquietação [...] o ódio que sentia*

contra a cidade rica que se estendia do outro lado do mar, na Barra, na Vitória, na Graça, o desespero da sua vida de criança abandonada e perseguida, a pena que sentia pela pobre negrinha, uma criança também”.

A produção literária de Jorge Amado é marcada pelo “Realismo Socialista”, Capitães de Areia em diversos momentos da leitura apresenta os claros problemas desse tipo de literatura, com reflexões que parecem que foram incluídas para atender a alguma demanda burocrática de divulgação do partido, espalhadas sutilmente ao longo da obra, e nitidamente colocada na última parte. Ainda assim, mesmo diante dos problemas, Capitães de Areia é um lindo livro, com conteúdo de profunda relevância e atualidade. Além de apresentar outra faceta do Nordeste, diferente daquela que vinha sendo apresentada, numa perspectiva rural da seca e da concentração fundiária. Os problemas urbanos aparecem na sua forma mais “invisível” que é a vida desses meninos.

3.6 Vidas Secas de Graciliano Ramos

Vidas Secas¹³ (1938) é um livro que mesmo curto precisa ser digerido devagar, cada acontecimento precisa ser sentido pelo leitor. Fabiano, Sinhá Vitória, os meninos e a cachorra Baleia, esses personagens nos guiam pelo Sertão nordestino em tempos de seca, na dura realidade das retiradas, da morada, das dificuldades, da violência e até mesmo do isolamento cultural e social.

O primeiro capítulo – Mudança – dá o tom da narrativa, ambientando a história, introduzindo os personagens e suas respectivas condições. Fabiano como desventurado pai de família com suas responsabilidades, Sinhá Vitória resignada ao seu papel de Mãe e mulher nordestina, os meninos aparecendo muito mais como um peso a ser carregados, e Baleia como personagem mais carismática e também a mais ativa do grupo, inclusive provendo a alimentação, através das suas habilidades de caçadora, nesse momento de necessidade.

No capítulo seguinte dedicado a Fabiano as coisas parecem que começavam a ir bem “*Sim senhor, arrumara-se. Chegara naquele estado, com a família morrendo de fome, comendo raízes. Caíra no fim do pátio, debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta*”¹⁴, mas as coisas realmente parece que começariam a ir bem,

13 Sobre a obra “Vidas Secas” uma resenha de título “As Vidas Secas de um povo oprimido” foi publicada no Jornal Eletrônico Esquerda Diário: <<<http://www.esquerdadiario.com.br/As-Vidas-Secas-de-um-povo-oprimido>>> em 4 de agosto de 2016.

14 As citações de “Vidas Secas” foram retiradas de uma versão eletrônica, com formato Epub, de paginação irregular, por não possuírem número de página, tomamos a liberdade de dispensar as

afinal Fabiano era um homem. Era? Ou “*era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros*”? Em tempo, diante de suas reflexões pessoais, ele próprio conclui: “*Você é um bicho, Fabiano*”, “*seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia*”. As confusas reflexões de Fabiano refletem a confusão desse homem-cabra-bicho sobre seu espaço no mundo social, até as reflexões sobre sua linguagem própria evidenciam essa distância entre os “Fabianos” e os homens.

O distanciamento em relação ao mundo social é marcante no capítulo – Prisão – Fabiano com toda sua ingenuidade, sua ignorância, sua desconfiança, sua obediência, não parece se encaixar naquele mundo. Todos pareciam querer tirar vantagem dele. Quando o Soldado Amarelo convidando-o para um jogo de azar, no qual acaba perdendo o pouco que tentava economizar. Diante da derrota sai descompensado e depois provocado pelo Soldado Amarelo, mesmo diante de sua tentativa de se esquivar do problema, “*impacientou-se e xingou a mãe*” do Soldado, que abusando do poder corporativo da polícia acabou por prender Fabiano que “*marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu. - Está certo, disse o cabo. Faça lombo, paisano. Fabiano caiu de joelhos, repetidamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas*” em seguida preso.

“*Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo [...] Tudo em ordem, podiam ver. Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa?*”. Certamente que Fabiano não poderia refletir sobre a culpa de uma sociedade de classe, onde ele era o subalterno do subalterno, uma sociedade que lhe nega a própria condição de homem.

O capítulo dedicado a Sinhá Vitória, apresenta ela como a típica dona de casa, dedicada aos seus afazeres domésticos, na medida que apresenta seu sonho com uma cama de lastro de couro. O quão simples pode parecer sonhar com uma cama, e mesmo assim é algo profundamente distante da realidade deles diante de sua pobreza. Os capítulos 5, 6 e 7 dedicados aos meninos, o mais novo, o mais velho e ao relacionamento familiar, respectivamente, são na verdade retratos de como se reproduzem os “Fabianos”.

Festa, o capítulo 8, se dedica com destaque aos problemas de convivência e sociabilidade daquela família, mesmo as roupas que deveriam usar para a festa de Natal na cidade, onde deveriam ir a novena lhes era incomoda, inclusive machucando

referências a cada citação. RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Record, 2005.

fisicamente. *“Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso desconfiava que os outros mangavam dele. Fazia-se carrancudo e evitava conversas”*, os meninos ficaram bestificados com a cidade, que certamente se tratava de uma cidade muito pequena, e mesmo assim tudo parece novo, grande, diferente de todo o mundo que eles conheciam, para eles era impossível conservar *“tão grande soma de conhecimentos [...] Admirados e medrosos, falavam baixo para não desencadear as forças estranhas que elas porventura encerrassem”*.

Diversos momentos da história são tristes, não há como negar, mas o destino da pobre Baleia é de cortar o coração, *“cachorra Baleia, que era como uma pessoa da família, sabida como gente”*, sem dúvida uma das personagens mais carismáticas da literatura brasileira. Triste fim ficar doente, triste fim precisar ser sacrificada, triste fim ser Fabiano a precisar fazê-lo.

O sistema de exploração a qual estava submetido não era entendível para Fabiano, ele *“recebia na partilha a quarta parte dos bezerros e a terça dos cabritos. Mas como não tinha roça e apenas se limitava a semear na vazante uns punhados de feijão e milho, comia da feira”*, ou seja precisava vender o que ganhava em animais para poder alimentar a família, de modo que constantemente precisava de dinheiro adiantado, ao qual pegava com o patrão em troca dos seus bichos, mas sempre tinha um danado dum juro que comia todo seu dinheiro. Sinhá Vitória que tinha miolos fazia as contas de quando eles deveriam receber do patrão *“mas ao fechar o negócio notou que as operações de Sinhá Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros”*, o patrão zangou-se foi ameaçado de ser mandado embora, Fabiano baixou a cabeça e se desculpou, e o que haveria de fazer, estava submetido a exploração *“Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era. Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro. Que juro! O que havia era safadeza”*.

Mesmo em toda a brutalidade e falta de conhecimento Fabiano no seu âmago *“sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra ele [...] Não havia paciência que suportasse tanta coisa”*, sentia a injustiça a qual era submetido por todos os lados, sentia que a culpa não era sua, ou mesmo de um elemento isolado, não era só a seca, ou somente o patrão, mas todo um sistema ao qual estava submetido, não sabia explicar se fosse perguntado, não sabia definir nem para si, mas sentia.

Como não poderia ser diferente, em se tratando do Nordeste, a história é cíclica com os momentos de seca e chuva agindo de modo imperativo na vida daquele povo. O “*bebedouro cobria-se de arribações. Mau sinal, provavelmente o sertão ia pegar fogo*”, e assim começa mais uma jornada de retirada. “*Porque não haveriam de ser gente, possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira? [...] Porque haveriam de ser sempre desgraçados, fugindo no mato como bichos?*” Por que suas vidas haviam de ser dominadas por essa dinâmica de pobreza e submissão?

Longe de dúvida “*Vidas Secas*” é um dos maiores clássicos da literatura brasileira, e legítimo representante da Geração Literária de 30. É um romance revolucionário.

4 Análise, a partir do referencial gramsciano, dos dois movimentos

Para fazer uma análise dessa produção literária é imprescindível considerar a realidade material, esses aspectos que aparecem muito vivos nas páginas do movimento regionalista e da Geração de 30, como o Nordeste da saudade, do Senhor de Engenho montado em seu cavalo ou o Nordeste das secas, da violência, do descaso tem sua expressão na realidade material. Karl Marx, no Prefácio da “*Contribuição à crítica da Economia Política*”, coloca que “*o modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência*”(MARX, 2008, p. 47), nesse sentido a realidade de produção da vida material condicionam a história.

Isso não significa que adotamos uma perspectiva estruturalista para a nossa análise, longe disso, consideramos que a produção artístico-cultural tem autonomia em relação a base econômica da sociedade, mas como tudo no capitalismo toda autonomia é relativa. Existe um movimento dialético entre os aspectos econômicos, sociais e culturais, ou seja entre base e superestrutura.

De grande importância para esse trabalho é o pensador comunista italiano Antônio Gramsci, que em sua atividade revolucionária, preocupou-se em fazer uma sociologia da atividade literária nos Cadernos do Cárcere. Seu conceito de “*hegemonia*” que pode significar um processo onde uma fração da classe dominante exerce o controle a partir de sua autoridade intelectual e moral, vinculada ao material, como também um

aspecto coercitivo sobre outras frações da classe dominante e sobre as classes dominadas (SPOHR, 2009).

No que se refere ao campo onde a hegemonia é exercido, Gramsci tem algumas formulações ao longo dos Cadernos, como aponta Perry Anderson, uma primeira diz que a hegemonia pertence ao campo da sociedade civil, usando igrejas e escolas, por exemplo, na criação de consenso, e resta ao Estado o papel de coerção. Em um momento posterior Gramsci fala em hegemonia não contraposta a coerção, mas sim como uma síntese de consentimento e coerção, uma combinação de força e consenso. Essa mudança de “hegemonia = consenso” para “hegemonia = consenso + coesão” carrega consigo uma mudança topográfica, sendo colocada não somente no campo da sociedade civil, mas também no Estado, abrindo a possibilidade para “hegemonia política” e “hegemonia civil” (ANDERSON, 1986, p. 21).

Diante dessa evolução e conjunção de elementos que rodeiam o conceito de hegemonia entendemos que a formulação mais avançada em Gramsci é aquele que entende hegemonia como uma combinação de força e consenso da burguesia, via Sociedade Civil e/ou Estado, sobre as classes subalternas, como aponta Anderson (1986).

Outro conceito fundamental em Gramsci é o de Bloco Histórico, que significa uma unidade entre a Estrutura e Superestrutura. No caderno 8, paragrafo 182, Gramsci diz que *“A estrutura e a superestrutura formam um “bloco histórico”, isto é, o conjunto complexo e contraditório das superestruturas é o reflexo conjunto das relações sociais de produção”* (GRAMSCI, 2014, p. 250). Ou seja a união entre Economia, Política e Cultura. Sob uma determinada hegemonia.

Estrutura em Gramsci, está relacionada com o aspecto econômico, na medida que Superestrutura, abrange o Estado e as instituições estatais, polícia, exercito, judiciário; e também as instituições intermediárias, como escolas, mídia, igrejas, partidos políticos, sindicatos, etc. O Bloco histórico, essa amalgama entre Estrutura e Superestrutura, é mantida no capitalismo combinando Força e Consenso. Através da Violência por um lado, e através da Ideologia por outro.

Os intelectuais são fundamentais para que os grupo dominante exerçam sobre as classes subalternas seu exercício da hegemonia social e do governo político atuando no sentido de manter ou de superar o bloco histórico, de duas formas. Uma delas pelo consenso “espontâneo” que é dado pelas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante à vida social, consenso que nasceu

“historicamente” do prestígio obtido pelo grupo dominante por causa de sua posição e de sua função no mundo da produção Outra forma é a do aparelho de coerção estatal que assegura “legalmente” a disciplina dos grupos que não “consentem”, nem ativa nem passivamente, mas que é constituído para toda a sociedade na previsão dos momentos de crise no comando e na direção, nos quais desaparece o consenso espontâneo (GRAMSCI, 2001). O papel dos intelectuais é imprescindível especialmente nessa primeira forma, via consenso.

Entender o papel dos intelectuais é central para o entendimento da dimensão do consenso. No Caderno 12, Gramsci fez uma serie de “Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais”, nesse caderno ele apresenta de maneira clara os dois tipos de intelectuais que podem ser encontrados ao longo do processo histórico nas formações econômico sociais: Orgânico e Tradicional.

No que se refere ao tipo orgânico, os grupos sociais criam para si de maneira orgânica uma ou mais camadas de intelectuais, responsáveis para lhes dar homogeneidade e consciência da própria função, para além do campo econômico, também no social, cultural e político. Considerando o empresário capitalista, como exemplo, a classe empresarial cria consigo o técnico da indústria, o economista, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito, e muito mais. Sem deixar de mencionar que o próprio empresário, por si só já é uma elaboração social caracterizada por uma certa capacidade dirigente e técnica, ou seja, é intelectual. Nesse sentido pode-se observar cada nova classe cria consigo intelectuais “orgânicos” (GRAMSCI, 2001).

Um segundo tipo de intelectual – os Tradicionais – é aquele ligado historicamente a estrutura econômica anterior, expressando o desenvolvimento dessa estrutura, representando uma certa continuidade histórica que não foi interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas. Como exemplo desse tipo de intelectuais tem-se os eclesiásticos, que em outro momento histórico monopolizaram importantes serviços como a filosofia e a ciência da época, também as escola, a instrução, a moral, a justiça, a beneficência, a assistência, etc (GRAMSCI, 2001). No entanto hoje exercem um papel diferente no conjunto da sociedade, muitas vezes de maneira saudosista.

Gramsci também fornece um excelente apontamento no sentido de mostrar o erro metodológico de se buscar a ideia de “intelectual” nas características da atividade intelectual, ao invés de buscar nas relações sociais, dessa forma se poderia compreender a

figura do intelectual e sua produção descolada da sociedade e da base material. Exemplifica dizendo que um operário ou proletário não se caracteriza especificamente pelo trabalho manual ou instrumental, mas sim por este trabalho em determinadas condições e em determinadas relações sociais. Da mesma forma o empresário, pela sua própria função, deve possuir em certa medida algumas qualificações de caráter intelectual, embora sua figura social seja determinada não por elas, mas pelas relações sociais gerais que caracterizam sua posição na indústria (GRAMSCI, 2001).

Essa distinção é importante para entender a produção intelectual que estamos analisando. Considerando que o período em questão é de certa forma um período de transição, onde a “modernidade” capitalista avançava ameaçando o antigo modo de produção, nesse sentido os intelectuais vão se posicionar de acordo com sua classe, ligados de maneira tradicional a decadente classe de grandes proprietários da oligarquia açucareira, como Gilberto Freyre e José Lins do Rego, ligados organicamente as classes subalternas como Graciliano Ramos, Jorge Amado e Rachel de Queiroz, e ainda José Américo um político ligado organicamente à “modernização”.

Uma análise feita desses movimentos numa perspectiva pós-moderna, diversa da que nos propomos, é a leitura de Durval Muniz de Albuquerque Jr., no seu livro “A Invenção do Nordeste e outras artes”, que tem ganhado bastante destaque a partir de sua publicação no final da década de 1990, e apresenta o espaço regional associado a valorização da identidade e representação, ou mais precisamente do discurso, a região torna-se um espaço simbólico. Durval Muniz atribui a esses movimento político e culturais de caráter regional a criação da região Nordeste, partindo de uma construção historiográfica Foucaultiana onde o “Nordeste é uma produção imagético-discursiva”.

Durval Muniz aponta para a ideia que as praticas regionalizantes se cruzaram com uma uma série de discursos, políticos e culturais, e assim sedimentaram a ideia de uma região Nordeste. Figura central nesse processo, para ele, foi o regionalismo freyreano que não é mera justificativa ideológica de um lugar social ameaçado, mas sim uma nova forma de ver, de conhecer e de dizer a realidade. Também o movimento de trinta para Durval foi forte impulsionador do discurso regional nordestino, e assim sendo também criador do Nordeste.

Seguindo essa perspectiva o Nordeste seria o filho reacionário da modernidade, uma maquinaria imagético-discursiva gestada para conter o processo de desterritorialização pelo qual estaria passando os grupos sociais desta área, provocada

pela subordinação a outra área do país que se modernizavam rapidamente, claramente o Centro-sul. Diante disso Durval, como ele mesmo diz, não intencionava em sua obra defender o Nordeste, muito pelo contrário queria atacá-lo, queria a dissolução dessa maquinaria imagético-discursiva de reprodução das relações econômico-sociais e de poder.

O problema da análise de Durval é que passa ao largo de qualquer materialidade, toda a historicidade dá-se no campo do discurso. Uma crítica materialista a essa análise pós moderna foi feita por Flávio Vieira (2001), que destaca:

Ao desconsiderar o espaço como produção social, como materialidade, como conceito, e suas relações com as formações sociais distintas que foram gestadas como vários “nordestes” – o de José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Graciliano Ramos, só para citar alguns escritores com os quais Muniz trabalha –, ele acaba por negar a importância de percebermos as especificidades históricas e sociais que ele diz tanto procurar (VIEIRA, 2001, p. 57).

É imprescindível considerar a realidade material, os aspectos que aparecem muito vivos e sofridos no discurso, como as secas, a violência, o descaso, etc., tem sua expressão na realidade nordestina. Além disso, os intelectuais “produtores dos discursos” que ele analisa não estão, nem poderiam estar, desconectados das suas classes. Ao discurso regionalista, Durval Muniz, apresenta como sendo ideologicamente uma máscara da realidade. Para Gramsci, como está colocado no caderno 11, a ideologia é entendida como “*uma concepção de mundo, que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida individuais e coletivas*” (GRAMSCI, 2015, p. 98-99), nesse sentido a ideologia é social e historicamente produzida a partir da dinâmica social e econômica, ou seja, da relação e correlações de força entre as classes.

Em oposição a perspectiva de Durval Muniz, nossa leitura em relação ao movimento regionalista é que a intelectualidade tradicional freyreana ligada ao modo de produção anterior à “modernidade” capitalista buscava na defesa da tradição a preservação da classe dos grandes proprietários, expressando os interesses de classe.

Mas ao invés de criação da região de forma abstrata como propõe Durval Muniz, o resultado como destaca Manoel Correia de Andrade em análise da formação do pensamento regionalista é que o mesmo contribuiu para destruir a ideia de que o Brasil, esse imenso país-continente, compreendia apenas duas grandes Regiões: Norte e o Sul. Isso abriu espaço para uma melhor divisão das regiões brasileiras pelo Instituto Brasileiro

de Geografia e Estatística (IBGE) criado na década de 1940 (ANDRADE, 2013). E mesmo o Nordeste, Freyre não apresenta como único em sua totalidade, mas como um conjunto.

No que se refere aos pensadores da Segunda Geração Modernista, eles não estavam ligados aos interesses regionais, por mais que as obras fossem localizadas geograficamente, expressavam, ou buscavam expressar, as manifestações típicas da realidade Brasileira (COUTINHO, 2013).

O movimento não é homogêneo, nem poderia ser, e por isso pode-se perceber perspectivas diversas sobre uma mesma temática. E quando se diz perceber, é de fato perceber, considerando que se trata de uma produção literária romanesca (mesmo que profundamente realista), diferente da produção em tons sociológicos de Gilberto Freyre, que deixa explícita suas ideias e intensões.

Considerando, por exemplo, o elemento “modernidade”, José Américo de Almeida e José Lins do Rego a veem com diferentes olhos, enquanto que Lúcio no Engenho Marzagão trouxe a felicidade a seu povo, Carlos Melo tudo que conseguir no Engenho de Santa Rosa foi fracassar.

A obra literária de José Lins do Rego, em muito está alinhada ao pensamento de Gilberto Freyre, e em grande medida servem para ilustrar as concepções sociológicas dele (DANTAS, 2015). Em “Menino de Engenho” aparece toda a pujança do modo de produção dos engenhos, já em “Banguê”, diante de novos tempos, o modelo de produção entra em decadência e ameaçado de todos os lados pela “modernidade” que se avizinha.

“A Bagaceira” de José Américo tem mais destaque o sistema de exploração antigo como referencial para o contraste com a modernidade, que se apresenta ao fim do livro como um modelo de tranquilidade e prosperidade. No entanto o resultado da inserção do modo capitalista de produção no rural nordestino, ainda desconhecido de José Américo, por nós já é bem conhecido, inclusive aparece como muito mais precários e degradante na obra de cunho histórico e social de Caio Prado Jr.¹⁵.

Além desses duas perspectivavas sobre a modernidade, em “S. Bernardo” de Graciliano Ramos se vê que ela chega combinando os elementos preexistentes com os novos, mantendo a mesma lógica de exploração, mas abrindo estradas, por exemplo, melhorando as possibilidades de retorno para a produção diante do aprofundamento da exploração.

15 Se destaca nesse sentido “A questão agrária no Brasil”. (PRADO JR., 2014)

Nisso a posição de classe está clara, José Américo, como político, estava organicamente ligado as forças “modernizadoras” apoiadores da chamada Revolução de 1930, que abriu possibilidades para a integração comercial do país e início da industrialização, mesmo que de forma restringida nesse momento. Na medida em que José Lins era um intelectual tradicional ligado a Casa Grande, bem como Freyre. Graciliano, por sua vez, como intelectual ligado organicamente as classes subalternas apresenta a modernidade como mudanças para o explorador e não para os explorados.

A seca, um dos elementos presente em boa parte dessa produção literária, demonstra mais uma vez o lugar de classe dos autores. Em José Américo, a Seca aparece de maneira fantásticamente ilustrada na fala do sertanejo Valentim Pedreira, com profunda riqueza de detalhes, no entanto, ela aparece muito mais como um fenômeno natural, de ordem climática do que como um fenômeno profundamente social.

Por outro lado nas obras de Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos, fica explícito que se trata de um fenômeno social, quando nos períodos de estiagem fica ainda mais visível as relações sociais de produção/exploração. Em “Vidas Secas” o processo de exploração fica explícito no árduo trabalho do vaqueiro Fabiano, que mal dá para alimentar sua família. Em “O Quinze” apresenta um momento de seca, onde a família precisa abandonar as terras. O comum a ambos é que os vaqueiros são apenas trabalhadores em terras dos outros, ou seja, estão lá “de favor” devido a “generosidade” do patrão, e com a seca são impelidos a ir-se rumo ao incerto.

Outro elemento que salta os olhos é a presença do Estado como elemento de dominação, junto aos subalternos ele se manifesta como formas de violência e arbitrariedade, um Estado de interesse das classes dominantes, como não poderia ser de outra forma no capitalismo, nem nesse período de transição, mas que de uma forma específica serve para manter o *status quo* através da coerção.

O narrador d'A Bagaceira deixa claro que para aquele povo “o governo era, apenas, essa noção de violência: o espaldeiramento, a prisão ilegal, o despique partidário... Não o conheciam por nenhuma manifestação tutelar”, a fala confusa e submissa em solidariedade a Fabiano dos companheiros de cela, em “Vidas Secas”, “Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita”, e ele para se consolar “Governos, coisa distante e perfeita, não podia errar”, preferia não se envolver, “Deus o livrasse de história com o governo”. Em “O Quinze” Chico Bento diz “Nesta desgraça quem é que arranja nada! Deus só nasceu pros ricos!”, no contexto Deus claramente

fazendo referência as benesses do Estado. Em “Capitães de Areia” se faz notar a imensa presença repressiva desse Estado, através das suas instituições repressivas na vida daqueles meninos, e como essa atuação é determinante no sentido de determinar a vida que eles levam.

Pegando um exemplo de “Vidas Secas” quando Fabiano nos seus afazeres de vaqueiro encontra no meio do mato o Soldado Amarelo, veja que situação Fabiano de facão na mão, diante do Soldado que havia provocado sua prisão e surra na cadeia, o que fazer? Afinal era *“um sujeito violento, de coração perto da goela”*, como agir naquela fração de segundo? *“Se houvesse durado mais tempo, o amarelo teria caído esperneando na poeira, com o quengo rachado”*. *“O soldado, magrinho, enfezadinho, tremia”* Fabiano *“não quisera matar um cristão”* *“Afastou-se, inquieto. Vendo-o acanalhado e ordeiro, o soldado ganhou coragem, avançou, pisou firme, perguntou o caminho [...] - Governo é governo [...] Tirou o chapéu de couro, curvou-se e ensinou o caminho ao soldado amarelo”*. Graciliano Ramos, nesse trecho, fornece um perfeito exemplo para o entendimento de um dos conceitos de hegemonia em Gramsci como uma particular articulação entre força e consenso, naquele momento, naquela fração de segundo, Fabiano poderia facilmente ter matado o Soldado Amarelo, não havia nenhum impedimento físico, afinal era cabra valente, estava armado e detestava aquele sujeito, então o que segurou sua mão naquela fração de segundo? O consenso, afinal governo é governo, mesmo agindo com violência e injustiça.

É interessante notar que o discurso literário da Geração de 30 enfatiza o Estado como instrumento de dominação, por coerção, sobre as classes subalternas, na medida que apresenta os problema do “povo” nordestino. Nesse sentido pode-se perceber que em certa medida essa produção literária apresenta o Estado como responsável pelos problemas daquele povo.

Considerando tudo isso na medida que o movimento regionalista abriu espaço para compreensão das particularidades regionais e possibilitou a maior divisão em regiões no país, a Geração de 30 através da denúncia das condições de vida das classes subalternas, em certa medida, contribuiu para a superação do bloco histórico anterior, e a consecutiva construção hegemônica das classes dominantes na luta inter-burguesa por projetos diferentes no interior do bloco, na tentativa de construir um novo consenso.

Nesse sentido a partir da década de 1930 a burguesia industrial assumiu a hegemonia econômica e política no país, formando um bloco, que podemos chamar de

“Bloco Histórico Desenvolvimentistas” juntamente com os grandes proprietários nordestinos e também a fração da burguesia mercantil que viviam em constante batalha pela manutenção do *status quo*.

No que se refere aos processos econômicos e políticos, como estratégia de enfrentamento para a grave crise capitalista mundial de 1929, o governo de Getúlio Vargas, incentivou um processo de industrialização restringida no Centro-sul, com o Estado representando os interesses da burguesia industrial do Centro; às elites agrárias do Nordeste (especialmente do interior Nordestino, não aquele representado por Freyre) se conformaram com seu quinhão, mesmo que tivesse uma proporção muito menor, através da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS) – que veio a se tornar o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) – e a chamada “indústria da seca”.

Diante desse cenário a estratégia empregada pela burguesia urbana do Nordeste e também da burguesia industrial do Centro-sul, com apoio de representantes de forças populares e de esquerda, como o movimento das Ligas Camponesas, o PCB, setores progressistas da Igreja Católica, entre fins da década de 1950 e 1960, foi a de frente popular e de conciliação de classes em torno ao apoio político a criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), cujo resultado é conhecido, uma série de ações planejadas e pretendidamente “reformistas” para “solucionar” os problemas regionais.

O papel de denuncia da Geração de 30, contribuiu com essa estratégia política, que não tardou a mostrar suas limitações na década de 1960. A produção cultural desses intelectuais dos dois movimentos serviu para a conformação desse novo bloco histórico desenvolvimentista.

5 Considerações Finais

A análise que Durval Muniz faz de ambos os movimentos é muito reducionista, como se essas produções intelectuais fossem um conjunto de esteriótipos, sem atentar que por trás dos “discursos” há realidade material. Por mais que o Movimento Regionalista em sua defesa da ideia de região buscasse manter os privilégios de uma classe tradicional, não significa que o discurso, por si só, tenha criado o espaço regional, mas sim que havia um interesse de classe, e que Gilberto Freyre foi esse porta-voz na condição de Intelectual tradicional da Casa-grande. O Movimento Regionalista é o

ultimo suspiro de um classe que vivenciava uma sociedade em vias de transformação.

Já a Geração de 30, com suas características de denúncia de maneira profundamente realista, faz o duplo movimento de apresentar o “verdadeiro” Brasil, em toda sua precariedade, e luta pela sobrevivência; e também apresentar os auspício dos novos tempos com a necessidade de mudança daquela realidade, seja pela “modernização” capitalista que se anuncia, como em José Américo, ou pela necessidade de superação com um viés socialista, como em Jorge Amado.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, José Américo de. **A Bagaceira**. 13ª Edição. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1972.

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia** [recurso eletrônico]. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Formato: ePub. Paginação irregular

ANDRADE, Manoel Correia de. Uma visão autêntica do Nordeste. *In*. FREYRE, Gilberto. **Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil** [recurso eletrônico]. São Paulo: Global, 2013. Formato: ePub. Paginação irregular

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e Sociedade no Brasil: Ensaio sobre ideias e formas**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

DANTAS, Cauby. **Gilberto Freyre e José Lins do Rego: diálogos do senhor da casa-grande com o menino de engenho** [recurso eletrônico]. Campina Grande: EDUEPB, 2015. Formato: ePub. Paginação irregular

FREDERICO, Celso. Marxismo e literatura: breve roteiro. **Via Atlântica**. São Paulo. n. 23, p. 51-62, jun. 2013.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto regionalista**. 7.ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996. p.47-75.

_____. **Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil** [recurso eletrônico]. São Paulo: Global, 2013. Formato: ePub. Paginação irregular

GRAMSCI, Antonio. **A Questão Meridional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Cadernos do Carcere – Vol. 1: Introdução ao estudo de filosofia. A filosofia de Benedetto Croce**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

_____. **Cadernos do Carcere – Vol. 2: Os Intelectuais. O principio educativo. Jornalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Carcere – Vol. 6:** Literatura. Folclore. Gramática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

LEONEL, Maria Célia; SEGATTO, José Antonio. Sociologia e Literatura. **Estudos de Sociologia**. Araraquara. n. 27, p.427-444, 2009.

LIMA, Elaine Aparecida. **A bagaceira:** marco móvel e literário. Londrina: UEL, 2006.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____.; ENGELS, Frederich. **A ideologia alemã:** crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Striner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas [recurso eletrônico]. São Paulo: Boitempo, 2007. Formato: ePub. Paginação irregular

OLIVEIRA, Antonio Eduardo Alves de. Marxismo e questão regional. *In:* ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 39., 2015, Caxambu. **Anais...** Caxambu: AMPOCS, 2015. p. 1-20

PRADO JR. Caio. **A Revolução Brasileira & A Questão Agraria no Brasil** [recurso eletrônico]. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. Formato: ePub. Paginação irregular

OLIVEN, Ruben George. **A Parte e o Todo:** A diversidade cultural no Brasil-Nação. Petrópolis: Vozes, 1992

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. Formato: ePub. Paginação irregular

RAMOS, Graciliano. O Romance do Nordeste. **Diário de Pernambuco**, Recife, 10 mar. 1935.

_____. **S. Bernardo** [recurso eletrônico]. 88ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2009. Formato: ePub. Paginação irregular

_____. **Vida Secas** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Record, 2005. Formato: ePub. Paginação irregular

REGO, José Lins do. **Banguê**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

SANTOS, Dennis de Oliveira. Sociologia da Literatura. **Revista Urutágua**. Maringá. n. 14. dez. 2007 – mar. 2008.

SPOHR, Martina. Cultura e hegemonia: uma análise do mercado editorial brasileiro na primeira metade da década de 1960. *In:* SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 25., 2009, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: ANPUH, 2009. p. 1-13

VIEIRA, Flávio Lúcio R.. A Teia Inescapável do Regionalismo Nordestino: “A Invenção do Nordeste e outras artes”. **Revista Conceito**. João Pessoa, n. 5, p. 53-63. jun. 2001